



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

História Local e Patrimônio Cultural: memórias e narrativas (auto)biográficas na formação de professores

Local History and Cultural Heritage: (Auto)biographical Memories and Narratives in Teacher Education

Historia Local y Patrimonio Cultural: Memorias y Narrativas (Auto)biográficas en la Formación de Profesores

Bruna Mozini Subtil
Esdra Erlacher
Miriã Lúcia Luiz

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as potencialidades das histórias de vida como patrimônios comuns da humanidade, tomando como fonte de análise os memoriais reflexivos produzidos por professores de Mantenópolis. Esses memoriais são compreendidos como bens culturais, capazes de inscrever narrativas individuais e coletivas no campo do Patrimônio Cultural. Metodologicamente, o trabalho se ancora no pensamento de Bloch (2001), ao considerar os memoriais como fontes históricas, e nas contribuições de Josso (2004; 2006; 2007), ao destacar a escrita de si como prática reflexiva e formativa. A análise foi realizada a partir da leitura e categorização das narrativas, com ênfase em dois eixos temáticos: (a) a infância como patrimônio e (b) as relações com elementos e práticas culturais locais. Os resultados evidenciam que as histórias de vida mobilizadas nos memoriais possibilitaram não apenas a valorização de memórias afetivas e culturais, mas também a ressignificação das concepções de patrimônio cultural dos participantes. Conclui-se que a metodologia da escrita (auto)biográfica constitui um recurso potente para a formação docente, por estimular a autocrítica, a elaboração de novos saberes e a integração entre experiências pessoais e o campo teórico do Patrimônio Cultural. Assim, as narrativas revelam-se não apenas registros individuais, mas patrimônios coletivos que contribuem para a valorização da cultura local.

Palavras-chave: memorial reflexivo; história local; narrativa (auto)biográfica; patrimônio cultural.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the potential of life stories as common heritage of humanity, using as its source of analysis the reflective memorials produced by teachers in Mantenópolis. These memorials are understood as cultural assets, capable of inscribing both individual and collective narratives within the field of Cultural Heritage. Methodologically, the study is grounded in Bloch's (2001) perspective, which considers memorials as historical sources, and in Josso's contributions (2004; 2006; 2007), which emphasize autobiographical writing as a reflective and formative practice. The analysis was conducted through the reading and categorization of narratives, with emphasis on two thematic axes: (a) childhood as heritage, and (b) the relationships with local cultural elements and practices. The results show that the life stories mobilized in the memorials not only enabled the appreciation of affective and cultural memories but also fostered a redefinition of participants' conceptions of cultural heritage. It is concluded that the methodology of autobiographical writing constitutes a powerful resource for teacher education, as it encourages self-criticism, the construction of new knowledge, and the integration of personal experiences with the theoretical field of Cultural Heritage. Thus, the narratives emerge not only as individual records but also as collective heritage, contributing to the appreciation and preservation of local culture.

Keywords: reflective memorial; local history; (auto)biographical narrative; cultural heritage.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las potencialidades de las historias de vida como patrimonios comunes de la humanidad, tomando como fuente de análisis los memoriales reflexivos producidos por docentes de Mantenópolis. Dichos memoriales se comprenden como bienes culturales, capaces de inscribir tanto narrativas individuales como colectivas en el campo del Patrimonio Cultural. Metodológicamente, el estudio se sustenta en el pensamiento de Bloch (2001), al considerar los memoriales como fuentes históricas, y en los aportes de Josso (2004; 2006; 2007), al destacar la escritura de sí como práctica reflexiva y formativa. El análisis se realizó a partir de la lectura y categorización de las narrativas, con énfasis en dos ejes temáticos: (a) la infancia como patrimonio y (b) las relaciones con elementos y prácticas culturales locales. Los resultados evidencian que las historias de vida movilizadas en los memoriales no solo permitieron la valorización de memorias afectivas y culturales, sino también la resignificación de las concepciones de patrimonio cultural de los participantes. Se concluye que la metodología de la escritura (auto)biográfica constituye un recurso potente para la formación docente, al estimular la autocrítica, la elaboración de nuevos saberes y la integración de experiencias personales con el campo teórico del Patrimonio Cultural. Así, las narrativas se revelan no solo como registros individuales, sino también como patrimonios colectivos que contribuyen a la valorización de la cultura local.

Palabras clave: memorial reflexivo; historia local; narrativa (auto)biográfica; patrimonio cultural.

Introdução

Atualmente encontramos sentidos para o patrimônio que possibilitam sua ativação e compreensão como uma categoria diversa e múltipla, o que abre espaço para a inclusão e valorização das histórias de vida como bens culturais que merecem ser valorizados e salvaguardados. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre os limites entre a dimensão individual da memória e sua dimensão coletiva e cultural, especialmente quando experiências, saberes, práticas, lugares e afetos são mobilizados pelos sujeitos para narrar suas próprias trajetórias.

Nesse sentido, o problema de pesquisa que orienta este texto consiste em compreender de que modo as histórias de vida, inscritas em narrativas (auto)biográficas, podem ultrapassar a dimensão das experiências individuais e ser reconhecidas como bens culturais e patrimônios coletivos. Interessa-nos, portanto, investigar como as memórias evocadas pelos sujeitos em suas narrativas podem revelar referências culturais compartilhadas, produzindo sentidos sobre os modos de viver, os saberes, as práticas e os espaços que constituem determinado grupo social. Trata-se, assim, de problematizar em que medida a narrativa das experiências pessoais pode também constituir uma forma de registro, transmissão e valorização do Patrimônio Cultural.

Desse modo, a partir da aposta das narrativas (auto)biográficas/escritas de si (Josso, 2006) como patrimônio, o objetivo deste texto é discutir aproximações entre as noções de memória, narrativas e histórias de vida e o conceito de Patrimônio Cultural. Para tanto, partimos de problematizações em torno das ativações valorativas no campo do Patrimônio Cultural, pois buscamos centralizar as narrativas que tematizam trajetórias de vida evocadas pelas memórias (Venera; Szymczak, 2019; Bosi, 2003). Ademais, por meio das histórias de vida, buscamos inscrever as narrativas de professores no âmbito do curso *História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco*.

Por isso, este artigo surge das nossas experiências como formadoras no curso de extensão, ministrado para profissionais da educação da rede municipal e estadual de ensino do município de Mantenópolis, realizado de forma virtual, entre 24 de junho e 04 de novembro de 2021. Oitenta e dois cursistas

participaram desta formação, incluindo neste número professores do Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, pedagogos e estudantes de licenciatura em História. O objetivo do curso foi abordar o Patrimônio Cultural em conexão com a História Local em suas mais variadas possibilidades.

Como o foco de nosso trabalho é refletir sobre as potencialidades das histórias de vida como patrimônios comuns da humanidade, selecionamos como fonte os memoriais reflexivos produzidos pelos cursistas¹. Dessa forma, assumimos tais memoriais reflexivos como elementos centrais para essa discussão, na medida em que os resultados apontam para as narrativas de si como bens culturais e, portanto, patrimônios culturais.

O texto busca, assim, discutir aproximações entre as noções de memória, narrativas (Benjamin, 2009; Halbwachs, 1990; Bosi, 1990) e histórias de vida na relação com o conceito de Patrimônio Cultural (Lira, Passeggi, 2021; Venera; Szymczak, 2019; Scaldaferri, Freitas, 2017). Além disso, analisa os memoriais reflexivos produzidos por professores do município de Mantenópolis e busca inscrevê-los no campo do Patrimônio Cultural, evidenciando as potencialidades das histórias de vida como bens culturais.

Para tanto, ancora-se metodologicamente no pensamento de Bloch (2001), ao conceber os memoriais reflexivos como fontes históricas e, por isso, passíveis de interrogações sobre as trajetórias de vida e as relações com os espaços e práticas culturais dos cursistas, narradores de suas experiências. Além disso, Josso (2004; 2006; 2007) fundamenta a noção de escritas de si privilegiadas no artigo, pois permite-nos pensar o movimento retrospectivo que cada cursista empreendeu ao evocar suas memórias e encontrar-se com várias versões de si mesmo, ao longo de sua experiência de vida, significando, assim, sua infância e suas relações com elementos culturais que constituem a localidade onde vivem.

O artigo se inicia com uma discussão a respeito das memórias, narrativas, história de vida e o Patrimônio Cultural, passando por uma breve abordagem

¹ Após a elaboração do artigo, as cursistas participantes da pesquisa tiveram acesso ao texto e foram convidadas a realizar sua leitura, apresentando sugestões, observações e contribuições para a versão final. Esse processo buscou assegurar a participação das colaboradoras na construção da narrativa sobre suas próprias experiências, valorizando suas perspectivas e possibilitando que se reconhecessem e contribuíssem com a forma como suas memórias e escritas de si foram mobilizadas neste estudo.

sobre os modos como, no âmbito do curso, se configuraram as orientações para a escrita dos memoriais reflexivos com foco nos bens culturais. Composto-se da análise de sete memoriais reflexivos, em diálogo com os aportes teórico-metodológicos, o tópico: *As histórias de vida e Patrimônio Cultural* se subdivide-se em *As memórias de infância como patrimônio* e *Os patrimônios culturais e as suas relações com elementos e práticas culturais locais*, nos quais exploramos nas narrativas, aspectos convergentes que nos permitiram identificar a existência de uma memória coletiva, como brincadeiras, saberes, práticas e crenças, além de nos aproximar da compreensão dinâmica de patrimônio, ou seja, trata-se de bens e práticas culturais importantes, possuem valor para determinado grupo social.

Notas sobre memórias, narrativas, histórias de vida e o Patrimônio Cultural

Quando falamos de memórias, narrativas e histórias de vida em sua interação com o patrimônio cultural, uma primeira questão que pode surgir ao leitor atento é: podem as narrativas autobiográficas serem patrimonializadas? Como elegemos tais narrativas, a princípio, vistas como pessoais e tão íntimas dos indivíduos, como patrimônios? Tais indagações levam-nos a refletir sobre conceitos fundamentais, como a própria noção de patrimônio cultural, seguida das de memória e histórias de vida.

Começamos pelo conceito de patrimônio histórico e artístico, usado desde o século XIX, paulatinamente substituído pelo de patrimônio cultural (Martins, 2015). De acordo com Venera (2017), as transformações sociais, políticas e econômicas do século XX fizeram surgir no campo do patrimônio uma mudança de perspectiva e o reconhecimento cada vez maior de novos bens culturais que envolviam não só os objetos e as arquiteturas, mas também os mais diversos saberes e modos de vida de diferentes grupos sociais.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 inaugura a ampliação do termo ao definir, no artigo 216, que “[...] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomado individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Além disso, em 2000, há a promulgação do

decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, o qual sugere os instrumentos de registro do “patrimônio imaterial”. Essas medidas, simbolizam, de acordo com Martins (2015), a busca pela reparação de práticas de várias décadas que desprezavam elementos significativos da cultura brasileira. Assim, o patrimônio ganha sentidos mais amplos relacionados ao exercício da cidadania e como expressão da democracia (Venera, 2017).

Ademais, como argumenta Poulot (2009, p. 14), “[...] na virada do século XX para o XXI, o patrimônio deve contribuir para revelar a identidade de cada um, graças ao espelho que ele oferece de si mesmo e ao contato que ele permite com o outro”. Hoje, os estudos sobre patrimônio cultural estão calcados em muitas perspectivas, tais como: “[...] território, ambiente, museografia, psicologia, sociologia, antropologia, relações político-administrativas, didática, área social e cultural etc” (Martins, 2015, p. 52). Porém, como vimos, o patrimônio se referia quase exclusivamente ao artístico, como se fosse uma manifestação da capacidade de criação técnica de segmentos sociais muito restritos e muito específicos. Infelizmente, tal tendência perdura em alguns contextos, fazendo com que, nem sempre, as obras, costumes, saberes, fazeres, espaços e narrativas construídos e apropriados pelas classes excluídas sejam reconhecidas e consideradas como bens culturais e, portanto, patrimônio (Martins, 2015).

Neste sentido, o presente texto busca contribuir para a ampliação do conceito de patrimônio, explorando-o sob diversos prismas, o que nos leva a compreender que o próprio conceito de patrimônio é, por vezes, difícil de ser definido, pois é uma noção que envolve amplos e diferentes campos (Martins, 2015).

Tal como propõe Martins (2015, p. 53), o patrimônio cultural “[...] não é algo sem importância, fruto de convenções sociais e posto em normas. É dinâmico e abre possibilidades para o aprofundamento nos contextos social, histórico, econômico que envolvem o lugar e sua gente”. Portanto, o patrimônio é reflexo da sociedade que o produz. Além disso, de acordo com Venera (2017), patrimônio cultural é uma ideia em movimento, em fluxo, que aparece todas as vezes em que dadas condições sociais oferecem demandas do passado ou quando existe a sensação de desaparecimento, de perda, de ameaça, de ruína. Dessa forma, o patrimônio imaterial e o material estão relacionados com a ideia

de perda e com a demanda de passados que devem ser restaurados e reconciliados, o que promove a invenção de práticas e estratégias para a proteção e salvaguarda de tais bens (Venera, 2017).

Uma vez que o patrimônio oferece múltiplas possibilidades, partimos da concepção de que as narrativas de memórias e/ou narrativas biográficas de todas as pessoas merecem ser salvaguardadas. Desse modo, concordamos com Venera e Szymczak (2019, p. 176), para quem “[...] as histórias de vidas podem ser valorizadas como patrimônio cultural”, o que nos faz perceber que existem dimensões do patrimônio que escapam dos livros de tombos e registros, anunciando novos espaços e novas possibilidades de bens culturais passíveis de serem preservados.

A partir disso, é preciso destacar o que é a história de vida. Segundo Josso (2006, p. 10), o relato de si é uma ficção baseada em fatos reais, que permite, porém, a “invenção de um si autêntico”. Essa invenção de si nos faz partir em busca de nossos seres potenciais nos incita a nos reinventarmos mediante nossos projetos. É assim que nossos fragmentos de memórias individual e coletiva se transformam em recursos e em inspiração para a criação desse imaginário sobre nós mesmos. Contudo, é preciso cautela ao trabalhar com as histórias de vida, pois as narrativas (auto)biográficas não são um espelho do passado, mas sim uma “[...] reconfiguração do presente e do futuro graças ao olhar retrospectivo de um lado e, de outro lado, ao fato de que cada evento ou contexto singular remete imediatamente para referenciais coletivos, quer seja consciente disso ou não” (Josso, 2006, p. 11).

Como bem lembra Bosi (2003), a memória faz intervir pontos de vista contraditórios e às vezes distintos entre eles, e é aí que reside sua maior riqueza. Ela não pode substituir uma teoria da história, nem buscar representar fielmente o passado tal como foi, ela tem, de certo, seus desvios, seus preconceitos. As memórias também são carregadas de representações ideológicas que nascem nos grupos e nas instituições, assim, as memórias individuais tendem a ser permeadas pelas memórias coletivas. Além disso, temos de ter em mente, tal como Bosi nos adverte, que “[...] a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não existe mais” (Bosi, 2003, p. 20). Porém, a memória é um instrumento poderoso se desejamos reconstituir a crônica do cotidiano ou,

acrescentaríamos, se desejamos inscrever os fragmentos e as narrativas de memórias em patrimônios culturais.

Dito isto, voltemos à pergunta que deu início a essa seção do texto e adicionemos mais uma: podem as narrativas autobiográficas serem patrimonializadas? O que transforma a história de vida um patrimônio?

Em primeiro lugar é preciso considerar que a história de vida como um bem cultural não é a pessoa em si, mas a narrativa que essa pessoa escolheu contar sobre si. Sabemos que cada homem e mulher é portador de sua história e experiências, que são singulares e especiais, justamente por serem únicas, insubstituíveis e impossíveis de serem copiadas. Entretanto, quem recebe o *status* de patrimônio não é o indivíduo que narrou, mas a própria narrativa, pois são as experiências singulares que são conferidas de um valor único (Venera; Szymczak, 2019).

Em segundo lugar, a intenção em valorizar as narrativas de vida é fazer com que essas histórias não sejam apenas criadas e disseminadas pelos diferentes indivíduos, mas que sejam usadas por eles para repensarem e ordenarem padrões e valores, assumidos muitas vezes como absolutos. Além disso, trabalhar com as escritas de si contribui para que a memória social do país seja construída de forma mais participativa e democrática.

Nesse sentido, de acordo com Venera e Szymczak (2019, p. 184-185) o

[...] processo de singularização das histórias de vida, e desta forma, dos seres humanos no processo de construção de suas narrativas, é destacado como uma propriedade de compartilhamento daquilo que nos iguala, do que nos aproxima, mais do que como algo que nos particulariza.

Logo, vemos a capacidade de compreensão das histórias de vida como patrimônios comuns da humanidade, não pelo conteúdo cotidiano e ordinário sobre as vidas, mas por ser a expressão do que faz todos humanos, daquilo que nos torna iguais: a linguagem, a organização temporal da memória de experiências vividas. Por isso, na próxima seção deste texto, buscamos, por meio da perspectiva das histórias de vida e escrita de si, inscrever as narrativas de professores e pedagogos no âmbito do curso *História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco*, assumindo os memoriais

reflexivos elaborados pelos cursistas como elementos centrais para essa discussão.

A escrita de si e as histórias de vida: um olhar para os memoriais reflexivos com foco nos bens culturais

Para discutir as aproximações das histórias de vida com a noção de patrimônio cultural, selecionamos como fonte os memoriais escritos pelos docentes e pedagogos da rede municipal e estadual de Mantenópolis. Dentre os oitenta e dois inscritos no curso de formação *História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco*, fizemos um recorte e escolhemos sete memoriais de educadoras que atuam no ensino fundamental I da rede municipal sobre suas trajetórias de vida e a relação com os bens materiais. O critério para essa seleção foi a participação assídua das cursistas na formação de professores e o conteúdo presente nas narrativas, a partir dos seguintes eixos: a) as memórias de infância como patrimônio; e b) as suas relações com elementos e práticas culturais locais.

Nesse sentido, em relação aos sete memoriais selecionados das cursistas que participaram da proposta de formação, as professoras escolhidas são: Almerinda Cardoso, Cleide Vieira, Cleuza Gonçalves, Conceição Martins, Elaine Moraes, Elisângela Rocha e Edivana Batista.²

A atividade que teve como resultado a elaboração do memorial reflexivo pelos docentes e pedagogos foi realizada em julho de 2021, sendo o primeiro exercício do curso de formação e, ao utilizarmos esse método no início do processo, foi possível ter acesso aos conhecimentos prévios dos cursistas e, em alguma medida, permitir que repensassem a forma como o patrimônio esteve presente em suas histórias de vida. Acreditamos que essa proposta de memorial possibilitou uma abertura para o diálogo do conceito de patrimônio cultural por proporcionar, por meio das memórias, um novo olhar sobre a temática.

Essa primeira atribuição do curso de formação que é o objeto de análise do presente artigo, foi intitulada como “Memorial com foco nos bens culturais”,

² Os nomes utilizados ao longo deste artigo correspondem aos nomes reais das cursistas cujos memoriais e escritas de si são analisados. As participantes autorizaram expressamente a grafia de seus nomes completos e a sua identificação na publicação dos resultados desta pesquisa. Contudo, usaremos somente seu primeiro nome na análise dos memoriais reflexivos.

em que foi solicitado aos cursistas no enunciado da atividade, conforme o quadro 1:

Quadro 1 – Enunciado da primeira atividade para os cursistas do curso de formação *História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco*.

Produzir, pela via das narrativas elaboradas a partir da evocação das memórias, aproximações com as histórias de vida, considerando as relações estabelecidas por cada um/a com a temática dos bens culturais (a partir de elementos que envolvem costumes, práticas, expressões culturais locais etc.). A intenção dessa proposta é compreender as experiências estabelecidas com elementos locais, que se constituam como formativas para cada um/a, na relação com os lugares com os quais nos conectamos ao longo de nossas vidas, com vistas a produção de processos formativos que tragam sentido aos projetos de vida como sujeitos.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para a análise das evidências produzidas pelos professores e pedagogos nos memoriais reflexivos, baseamos nosso aparato metodológico para a exploração e investigação desses memoriais a concepção de ‘pesquisa-formação’ de Marie-Christine Josso (2004), pois, essa metodologia enxerga o âmbito formativo como meio fundamental de sua análise, em que cada etapa da pesquisa como “[...] uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (Josso, 2004, p. 113).

De acordo com Souza (2006), o método (auto) biográfico e as escritas de si sobre a formação dos professores e que fazem parte dessa linha de ‘investigação-formação’, trabalham as histórias de vida em diferentes tipos de cursos de formação de docentes, sejam os que estão começando sua carreira na educação ou aqueles que já finalizaram sua graduação, por meio de suas lembranças e trajetórias de vida. Assim, essa perspectiva torna-se pertinente para a análise dos memoriais, no entanto, devemos ter em vista que esse tipo específico de atividade possui suas próprias potencialidades ao ser mobilizada em um curso de formação.

Para Josso (2007), ao valer-se de pesquisas que trabalham com as histórias de vidas, torna-se metodologicamente necessário o cuidado de pensar as diversas dimensões existentes da identidade humana que compõe os

diversos registros dos homens e das mulheres no tempo, tais como as crenças, elementos da religiosidade e da moral, por exemplo.

Dessa forma, selecionamos o memorial como fonte de pesquisa entendendo que a abordagem biográfica permite que o pesquisador acesse por meio das narrativas (auto) biográficas as histórias de vida e, com isso, há a possibilidade de perceber os diversos espaços em que a aprendizagem foi construída ao longo da vida e fomentá-las no curso de formação (Souza, 2006).

De acordo com Silva e Serpa (2010), o aprender mobiliza, primeiramente, a experiência e somente depois se transforma em narrativa, sendo utilizada na vida prática e tendo a possibilidade de ser novamente refletida. Assim, os memoriais representam uma escrita reflexiva que pode promover deslocamentos e rupturas, além de ser um exercício crítico e autocrítico que semeiam novos sentimentos ao revisitar as lembranças e memórias.

A perspectiva biográfica dos memoriais, ao partir das histórias de vida, pode ser entendido como um desenvolvimento de novos saberes e um questionamento dos conhecimentos prévios, principalmente devido a:

[...] centralidade do sujeito no processo de investigação-formação sublima a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história (Souza, 2004, p. 54).

Esse movimento proporcionado pelas escritas de si, provocam uma das maiores potencialidades desse exercício de escrita autobiográfica que seria a de refletir sobre suas vivências e experiências do passado com um olhar do presente, apresentando uma nova perspectiva que pode ocasionar em uma nova compreensão do indivíduo sobre a sua própria história.

Como resultado disso, ao se compreenderem como sujeitos de suas narrativas, o resgate e a reflexão dessas experiências podem gerar inquietação e preocupação dos docentes com suas práticas, noções e posicionamentos no ambiente escolar, fazendo com que se sintam mais responsáveis pela sua formação (Pereira, 2010).

É justamente por conta dessa inquietude que podemos justificar o uso dessa abordagem envolvendo os memoriais no curso de formação. Para Souza

(2006, p. 91), essa perspectiva é tida como pertinente para ampliar o entendimento dos professores da escola e de suas práticas cotidianas, sendo “[...] na interface com a objetividade escrita da narrativa e no face-a-face consigo próprio que o ator começa a vivenciar o estranhamento de si e a estranheza do outro, a partir do deslocamento que faz da sua própria história”.

Ao explicar sobre o uso dos memoriais no ambiente acadêmico, Passeggi (2010) entende que esse recurso tem uma competência de entrelaçar forma e conteúdo ao criar uma narrativa que busque o “(re)conhecimento de si”. Ou seja, esse exercício da escrita de si por meio de um memorial tem uma capacidade que pode ser descrita como auto formadora, no sentido de que ao pensar nas histórias de vida com foco nos bens patrimoniais, os participantes do curso de formação lançaram um novo olhar sobre suas vivências e revisitaram essas memórias a partir de um novo ângulo, de um outro lugar.

As histórias de vida e o patrimônio cultural

O foco no patrimônio cultural atribuído pelo curso de formação permitiu que os professores evocassem suas lembranças e memórias e as transformassem em narrativas, visando às experiências voltadas para esses bens, imateriais ou materiais, de sua vida e, com isso, os cheiros, sabores, brincadeiras, casas, quintais, igrejas e a praça da cidade são alguns dos patrimônios que são alvo das reflexões dos docentes. Consideramos essa contemplação do passado um movimento potente, entendendo que pode afetar as práticas educativas, a relação com a História Local, valorização e, possivelmente, a preservação de patrimônios culturais de valor afetivo para aquela comunidade, em específico, de Mantenópolis.

No início do memorial de uma das docentes, logo após apresentar-se, ela discorre sobre a dificuldade de escrever sobre essas memórias:

Ao visitar o passado e rememorar o presente, sinto-me desafiando e, ao mesmo tempo, tomada por uma forte emoção, pensando no grande compromisso que tenho comigo mesmo ao mergulhar no passado, e relembrar o relatar sobre minha adolescência e idade adulta. Realmente é preciso superar certos desafios para discorrer sobre minha história em diversos contextos (Edivana, Memorial reflexivo, 2021).

Essa reflexão é um dos exemplos que nos permite compreender a potencialidade do memorial para que o cursista entenda como as suas próprias histórias, as escritas de si, também podem ser patrimonializadas, principalmente quando destaca a responsabilidade que ela enxerga nesse ato.

Com isso, ao compreendermos que as histórias de vida se constituem em patrimônio pela via das narrativas a respeito delas, buscamos nos relatos dos depoentes, fios que se cruzam e se misturam, que se associam e se confundem, que se ligam e se incorporam uns nos outros, compondo, assim, uma elaboração coletiva, bem mais complexa que o somatório das narrativas individuais (Nóvoa, 2004).

É nesse sentido que, nessa seção, investigaremos os memoriais dos cursistas buscando evidenciar a relação das histórias de vida e do patrimônio cultural na escrita de si, tendo como recorte sete memoriais reflexivos de cursistas que seguiram pelos seguintes eixos temáticos que guiarão a análise: a) as memórias de infância como patrimônio; e b) as suas relações com elementos e práticas culturais locais.

As memórias de infância como patrimônio

Nas leituras dos memoriais reflexivos dos cursistas, não pudemos deixar de observar que a infância foi um tema comum em grande parte das narrativas. Desse modo, entre palavras, imagens e margens, identificamos memórias sensoriais das mais diversas, expressando sabores, cheiros, ruídos e sensações, como registrou a cursista Almerinda:

Bem mais que registrar, cada memória traz consigo um sentimento, um cheiro do sabor que ao ser lembrado e revivido, trouxe para cada um, um lindo e importante momento de gratidão. O registro é importante para que a memória não se perca no tempo (Memorial reflexivo, 2021).

Os registros dos afetos e dos sentimentos nos dão pistas de como as reminiscências podem ser importantes para a nossa constituição enquanto sujeitos. A cursista Almerinda, que se propôs a escrever um livro sobre as memórias da sua família, no qual buscou reunir lembranças de cada filho, dos

netos e amigos, intitulado *Memórias, causos, contos e prosas: Varandas e quitandas com minha mãe* (2018)³, revela elementos eloquentes a respeito de como ela rememora a sua infância e as vivências desse período de sua vida: “[...] Na minha casa faltava quase tudo, mas era cercada de muito aconchego e amor. Lembro-me de um fogão à lenha que se mantinha sempre aceso com brasas fumegantes, que servia também para ‘esquentar o frio’”. Ela acrescenta, ainda, lembranças de alimentos que parecem terem marcado as suas memórias gustativas: “Sempre tinha uma panela de feijão, uma chaleira de café, batata assada, biscoito de polvilho assado, broas e todos os quitutes deliciosos que minha mãe fazia” (Memorial reflexivo, 2021).

Os registros aqui evidenciados, entendidos enquanto “escritas de si”, narrativas autobiográficas, trazem em seu bojo as potencialidades de se constituírem em testemunho que evocam, por serem fontes de sabedoria sobre a vida (Lira; Passeggi, 2021) e, é nesse ínterim, que identificamos elementos mencionados pelos cursistas como constituidores de si e de suas relações com os lugares e com os sujeitos.

Dentre estes, citamos as histórias contadas, os brinquedos, as brincadeiras e o universo brincante que permeiam essas experiências e que, na ótica dos nossos narradores, aliviavam o longo dia cansativo de afazeres cotidianos. Assim, “[...] depois de um dia inteiro de trabalho árduo, que começava com o cantar do galo, a família se reunia em volta do fogão, para ali, ouvir os ‘causos’ e histórias contadas pelos meus pais, [...] dentre as quais, estavam [...] as fábulas de Pedro Malasartes...”. Destaca, ainda, as brincadeiras: “[...] pique-bandeira, cantigas de rodas queimadas, brincar de casinha fazer ‘cozinhadinha’. Nossos brinquedos eram quase sempre fabricados por nós, nossos pais. Nossas bonecas eram feitas de sabugo de milho verde ou de pano” (Almerinda, Memorial reflexivo, 2021).

Em meio aos desafios de produzir os próprios brinquedos, nos lembramos de Benjamin, ao mencionar a capacidade das crianças de irmanarem em suas construções, os materiais mais heterogêneos, como pedras, madeira e papel. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia, e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. Por isso,

³ Em memória de sua mãe, a quem dedicou o livro, publicado em 2018.

dizemos, que ela produz cultura dos restos de cultura e, para além disso, “[...] seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo. Um diálogo de sinais, para cuja decifração a presente obra oferece um fundamento seguro” (Benjamin, 2009, p. 94).

Desse modo, além das brincadeiras, como “passar anel”, “roubar bandeira” e “queimada” (Cleide, Edivana, Almerinda, Memorial reflexivo, 2021), foram elementos comuns nas narrativas a relação das brincadeiras com a culinária, pois a “cozinhadinha” esteve presente nas reminiscências de Almerinda, Cleuza e de Edivana, que registrou:

[...] eu brincava com meus amigos e amigas, jogava bola, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva e pular corda, *cozinhadinha*, roubar bandeiras, queimada, passar anel, pular corda, entre outras brincadeiras, pois isso era normal na vida das crianças deste tempo (Edivana, Memorial reflexivo, 2021).

Assim, podemos perceber que os modos de preparar os alimentos, seja na brincadeira ou nas práticas da vida cotidiana, se presentificaram nos textos produzidos. Em muitos relatos, a “cozinhadinha” ganha destaque nas brincadeiras das crianças, em um deles, ao citar essas memórias recheadas de sabores, a cursista descreve: “ah, essa sim fazia meus olhos brilharem, porque eram cozidos alimentos de verdade!” (Cleuza, Memorial reflexivo, 2021).

Ao afirmar que essas práticas constituíam o que “[...] era normal na vida das crianças deste tempo”, Edivana nos dá pistas de como a história cotidiana pode nos revelar o sentimento de duração nas coletividades em que vivemos, o sentimento daquilo que permanece para os indivíduos e para a sociedade, bem como aquilo que se modifica, conforme destacam Scaldaferri e Freitas (2017). Com isso, ao evidenciar elementos de uma memória coletiva, construída em meio a um grupo de referência (Halbwachs, 1990), essas narradoras revelam a sua percepção acerca da própria história. Esse é o caso de Cleide, que expressa a sua lembrança a respeito de como pensava o futuro, quando criança, na década de 1970:

Quero trazer à memória recortes da minha infância. [...]. Lembrar de como as crianças se divertiam na década de 1970. Período em que o mundo era muito maior. Não tínhamos conhecimento

de internet ou computadores. Imaginávamos que em 2021 os carros voariam e estaríamos talvez habitando outros planetas (Memorial reflexivo, 2021).

Essa relação entre as temporalidades - passado-presente-futuro - se interpenetra nos registros dos cursistas, à princípio porque é no presente que nos situamos para interrogar o passado (Bloch, 2001). Além disso, as projeções e interpretações a respeito dos temas e dos acontecimentos, passam pela imagem de si construída por cada sujeito. Desse modo, “[...] as narrativas de si espelham também a imagem que o sujeito constrói sobre suas capacidades, suas ações e as repercussões, de seu lugar no mundo (Lira; Passeggi, 2021, p. 8).

Podemos perceber um saudosismo e uma nostalgia presente na escrita das memórias das professoras, especialmente, quando dizem que “[...] esses tempos se foram, a cidade foi se transformando, as ruas perderam o encanto da infância, as crianças já não brincam como antes” (Cleide, Memorial reflexivo, 2021). Em um outro relato, uma docente expressa a mesma preocupação, entendendo que

Em tempos em que vivemos, a nostalgia do que vivenciamos é constante em nossa memória, essa vida em família, roda de conversa, de viola, aquela reciprocidade do vizinho, festas, brincadeiras de crianças, apresentação na escola ou comunidade ou mesmo um papo na beira da estrada, tem seu valor. Gostaria de um bom material que retornassem na memória a magia que vem sendo perdida e que esse encantamento com o simples pudesse chegar aos nossos filhos através desses registros (Elisângela, Memorial reflexivo, 2021).

Esses exemplos corroboram uma visão específica de patrimônio demonstrada pelas cursistas do curso de formação, em que há uma tendência a compreender como patrimônio especificamente acontecimentos do passado, ou seja, podemos entender que há uma cristalização da infância de antigamente como um evento mágico e encantador que devesse ser vivido por todas as gerações.

Em meio a esse movimento retrospectivo favorecido pelas escritas de si (Josso, 2004), há também aquelas cursistas que veem essas mudanças ocorridas entre passado e presente como algo positivo, compreendendo as transformações e as permanências que ocorreram durante a vida como algo

natural, como, por exemplo, o relato da Cleuza (Memorial reflexivo, 2021): “[...] hoje não tenho mais meus pais e o sítio da minha infância mudou muito, o casarão já não existe mais. Estou tendo o privilégio de morar no mesmo local onde cresci e posso dizer que apesar das mudanças, sou feliz”.

De modo específico, a respeito da cidade para onde se destinou o curso de formação, uma professora faz a seguinte reflexão em seu memorial:

Percebo que minha cidade de Mantenópolis teve profunda transformação, pois antigamente Mantenópolis era uma cidadezinha em que todos conheciam todos. Hoje tudo isto se transformou, graças ao desenvolvimento dos agricultores que permanecem aqui e o processo de imigração que tivemos e temos até hoje. Muitas famílias por aqui que se formaram, muitas casas construídas, comércios avançados e Mantenópolis desenvolvendo e se tornando uma cidade acolhedora (Edivana, Memorial reflexivo, 2021).

Notamos que essa cursista percorreu em sua narrativa um caminho que vai do micro ao macro, ela começa em sua trajetória e memória pessoal de vida e finaliza sua escrita desenvolvendo uma reflexão sobre Mantenópolis. Dito isso, no tópico seguinte, abordaremos a relação entre patrimônio cultural, histórias de vida e as práticas culturais locais apresentada pelos cursistas ao longo dos memoriais reflexivos.

Os patrimônios culturais e as suas relações com elementos e práticas culturais locais

Nesse movimento de escritas de si, identificamos nos memoriais algumas lembranças de práticas culturais, como festas, rezas e costumes, que falam de cada uma na sua singularidade, mas não somente, pois há elementos comuns nessas narrativas, que revelam que há indícios de uma memória coletiva (Halbwachs, 1990), como podemos ler na narrativa de Cleuza (Memorial reflexivo, 2021) sobre os costumes dos finais de semana: “[...] no sábado íamos a bailes, onde o instrumento usado era a sanfona, havia também grupos de reflexão que se reuniam todos os domingos nas casas, quando vinham em minha casa, mamãe preparava um arroz doce delicioso para recepcionar as pessoas”.

Uma das práticas culturais em particular - as festas juninas - parece ter marcado a vida cultural local, pois esteve presente nos memoriais reflexivos de Cleuza, Elisângela e Elaine com bastante destaque. Pudemos perceber que as culinárias e as práticas em volta da fogueira aparecem nas lembranças afetivas sobre o evento cultural, tanto que uma cursista escreve que “[...] no mês de junho, meus pais faziam fogueira no dia de São João. Era uma festança, mamãe preparava muitas guloseimas como: bolos, broas de fubá, arroz doce, paçoca” (Cleuza, Memorial reflexivo, 2021).

Elaine também alude às festas como prática agregadora da família e da comunidade: “[...] passei muitos anos participando de atividades culturais com toda a minha família e também famílias vizinhas, pois quando tinha algo festivo em alguma comunidade praticamente todas as famílias iam festejar e alegrar o momento, como Festas Juninas no mês de junho” (Elaine, Memorial reflexivo, 2021).

Chama-nos atenção, ainda, no registro desta cursista, uma espécie de saudosismo que revela uma memória de positivação do passado: “Toda a atmosfera dos tempos de São João me faz falta, e quando chega o mês de junho, me sinto distante de algo que faz parte de mim e da minha família” (Elaine, Memorial reflexivo, 2021). Essa perspectiva também pode ser percebida no texto de Elisângela:

Tinha também as festas juninas que todo ano, dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, ele [Antônio Nóia de Oliveira) fazia fogueira e muitos tipos de comida para comemorar. Assim foi construída uma cultura de povo simples e de tradições que durante muito tempo foram repassadas de geração para geração, perpetuando os ensinamentos de seus antepassados. Mas que pena que nem todos tem esse sentimento de pertença ao lugar e muitos de seus ensinamentos e feitos vêm sendo esquecidos e se perdendo nas memórias (Memorial reflexivo, 2021).

Esse último trecho sobre como as diferentes gerações enxergam as práticas culturais nos indicam um desejo dos cursistas de que a cultura local fosse um elemento estático, nos demonstrando, ao mesmo tempo, pelos termos “esquecidos” e “se perdendo nas memórias” de que esses elementos culturais vêm sofrendo modificações ao longo do tempo, logo, podemos perceber uma valorização da tradição.

Nos registros autobiográficos identificamos elementos convergentes, notadamente relativos a crenças, elementos da religiosidade e da moral (Josso, 2004). Assim, as práticas culturais locais citadas estão estreitamente relacionadas com as rotinas da liturgia, das rezas e dos costumes formatados a partir da ideia de fé.

Ainda sobre as festas juninas e a relação com a religiosidade, um elemento específico citado pelas cursistas se destacou: o evento de passar descalço pelas brasas da fogueira à meia noite.

Uma docente faz alusão a essa preocupação de passar pela fogueira e queimar o pé em seu relato sobre uma das comunidades onde acontecia a festa junina. Assim, sobre o tema, Elaine escreve: “[...] era a mais esperada devido à fogueira que eles preparavam que à meia noite tinha o momento de as pessoas passarem sobre as brasas e quem não tinha coragem ficava apreensivo naquela hora” (Elaine, Memorial reflexivo, 2021) .

Essa inquietação e o motivo ficam mais explícitos quando lemos a narrativa da Cleuza e entendemos a representação que esse evento tinha para os moradores de Mantenópolis:

[...] [nas festas juninas], quando acendiam a fogueira todos se aproximavam para orar e agradecer a Deus, depois os sanfoneiros começavam a tocar e as pessoas dançavam e comiam. Quando o relógio marcava meia noite, aí sim, acontecia algo que me encantava: era a hora de alguém tirar o calçado e passar dentro da fogueira. As pessoas tiravam os sapatos e andavam de um lado para o outro pisando nas brasas, aí eu pensava: Meu Deus, como pode essas pessoas não queimarem a sola dos pés, se quem está perto da fogueira sente um calor imenso, imagine pisar nas brasas? Aí perguntei para mamãe porque quem passava na fogueira não se queimava. Mamãe explicou que era por causa da fé (Memorial reflexivo, 2021).

Essa estreita relação das memórias das depoentes sobre as práticas culturais com a religiosidade nos remete ao pensamento de Bosi (1987), ao tratar do enraizamento. Para ela, as práticas religiosas fazem chegar às pessoas simples os livros clássicos da fé, permitindo que eles convivam com representações artísticas, como a música, a pintura, a dança, a poesia e a arquitetura. Desse modo, conforme a autora, a liturgia, como elemento central da religião católica - amplamente citada pelas cursistas -, vive um tempo cíclico

semelhante ao tempo da natureza, especificamente, das estações do ano, da órbita, dos astros e das marés. Além disso, a liturgia reflete a mudança sazonal por meio das cores e das músicas. Por fim, ao identificarmos esses elementos comuns nas narrativas dos cursistas, entendemos que a liturgia pode se configurar em um fator privilegiado de enraizamento, como um direito humano esquecido, capaz de criar e reviver tradições, valores e lembranças que dão sentido à vida (Bosi, 1987).

Como um elemento mais específico, os caboclinhos se presentificaram nos memoriais autobiográficos. Em nossa análise, compreendemos que a menção a esse evento cultural representa a relação desses cursistas com a História Local e o patrimônio cultural.

Ao aludir às práticas culturais que ocorriam no dia de São Sebastião, em 20 de janeiro, Elaine destaca que “[...] aconteciam várias apresentações, como: a dança folclórica dos caboclinhos. Os caboclinhos surgiram na década de 60. São grupos indígenas fantasiados com roupas na cor vermelha em homenagem à São Sebastião” (Elaine, Memorial reflexivo, 2021), como mostra a Imagem 1:

Imagem 1 – Grupo Folclórico Caboclinhos (1974)



Fonte: Acervo da prefeitura apud Saldanha (2012).

Ademais, é na fala de Conceição que percebemos a relação direta dessa comunidade com a história dos caboclinhos, tendo em vista que os membros dessa prática eram parte de sua família como ela descreve a seguir:

[...] Não poderia deixar de mencionar também, sobre os Caboclinhos, que já fez parte da cultura de Mantenópolis e da história da minha família. Não cheguei a presenciar nenhuma apresentação, mas cresci vendo as vestimentas e acessórios do grupo, como caixa (tambor), violão, entre outros que ainda estão guardados. E meu pai, Joaquim, conta a história, que com 7 anos de idade, no ano de 1966, se integrou ao grupo e mais tarde, passou a liderar seu próprio, passando a ser o Mestre dos Caboclinhos. Seu irmão, Custódio, hoje falecido, era o contra mestre e seu pai, meu avô, Alcendino, era o coordenador e fazia de tudo para o grupo se apresentar. Minha avó Odília, costurava as roupas ou fardas assim chamadas pelos caboclinhos. Em tudo predomina a cor vermelha, devido ao fato do grupo ter sua origem em homenagem ao glorioso São Sebastião, mártir da igreja, mostrando assim a fé e a religiosidade de minha família. (Conceição, Memorial reflexivo, 2021).

Explorando historicamente a atuação dos caboclinhos, Elaine aponta alguns elementos que auxiliam no entendimento dessa prática:

[...] Nas coreografias apresentam atividades de caças e guerras indígenas. Usavam arcos e flexas, bastões, garrafas e além desses objetos eles faziam a dança da fita que colocavam na ponta de um toco várias fitas de cores variadas (sendo cor par) e durante a dança que era similar a dança da ciranda iam girando ao redor do toco fazendo uma translação até não ter comprimento para dar continuidade e depois vinham desfazendo. Era extraordinário a sincronia dos componentes do grupo, tanto na dança da fita, quanto no momento em que usavam os demais objetos (Elaine, Memorial reflexivo, 2021).

Assim, esses relatos sobre as experiências de vida e suas relações com o patrimônio, seja ele material ou imaterial, nos permitiu perceber como é por meio da narrativa que o ser humano se singulariza, mas também é por meio dela que criamos nossas relações. Portanto, as histórias de vida podem ser vistas como um meio comum a todas as pessoas de compartilhamento de experiências, de interação e comunicação.

As narrativas (auto)biográficas, especificamente, remetem-nos a pensar então no Patrimônio como o conjunto das experiências humanas que são

comuns a todos os seres humanos. Além disso, compreender as histórias de vida como patrimônios é valorizar um patrimônio e entendê-lo como um meio pelo qual é possível reconhecer o outro a partir de suas experiências, e que essas vivências se revelam como aquilo que nos iguala como humanos (Venera; Szymczak, 2019).

Conclusão

Ao final de nossas reflexões, retomamos a conclusão do Memorial Reflexivo (2021) de Elisângela, em que ao se referir a importância da valorização das memórias escritas pelos cursistas por meio de uma narrativa (auto)biográfica, finaliza que: “juntando os relatos, tenho certeza que haverá um bom material, nos quais terá uma seleção de arquivos para a produção desse projeto que é a cultura de um povo”.

Essa afirmação da professora nos auxilia a pensar os memoriais e a metodologia da escrita de si como um meio potente da narrativa reflexiva para a ressignificação dos conhecimentos prévios, gerando um movimento de desconstrução e autocrítica, possibilitando a abertura para a elaboração de novas reflexões e saberes.

Esses deslocamentos e rupturas envolvem também a temática do patrimônio cultural, principalmente quando pensamos no curso de formação como um todo. A partir dessa primeira atividade dos memoriais reflexivos, os formadores e palestrantes tiveram acesso aos conhecimentos prévios dos cursistas, ou seja, essas narrativas foram mobilizadas como produção de dados para que pudéssemos proporcionar uma formação de professores a partir de suas vivências, elemento primordial para envolver os cursistas na temática.

Também é importante destacar que as palestras sobre o conceito de patrimônio cultural basearam-se nessas escritas e nesses exemplos que, por vezes, foram apresentados de formas despretensiosas e espontâneas sobre patrimônio material e imaterial pelos próprios cursistas, já que os mesmos não conheciam naquele momento, a teoria que subsidiaria a temática.

Diante disso, vale ressaltar que além de mobilizar a narrativa dos professores para a conceituação e exemplificação de uma teoria nova, os palestrantes usaram um recurso que teve um valor significativo para um curso

de formação que estava acontecendo de forma virtual: a narrativa oral. Foi proposto que os cursistas que se sentissem à vontade lessem os exemplos retirados do memorial reflexivo selecionados, o que potencializou ainda mais o aprendizado foi a verbalização dessas histórias de vida para além do escrito.

Com isso, entendemos que esse movimento iniciado pelo exercício da narrativa (auto)biográfica e escrita de si fez com que os cursistas começassem a repensar como o patrimônio cultural fez parte de suas vidas, proporcionando um novo olhar sobre suas práticas educativas e a relação com a História Local e, com isso, tornando possível a apropriação do aporte teórico proposto pelo curso de extensão *História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco*.

Pode-se notar que os memoriais interligaram as lembranças afetivas, a narrativa e as histórias de vida. É nesse sentido que analisamos os eixos temáticos que aparecem nas escritas de si, tais como: a) as memórias de infância como patrimônio; e b) as suas relações com elementos e práticas culturais locais.

Acreditamos que o primeiro eixo temático identificado nos memoriais foi a infância como patrimônio, principalmente por ser uma atividade realizada no momento inicial do curso, logo, os cursistas possuíam uma percepção de patrimônio mais engessada, a princípio. Dessa maneira, um desafio que pôde ser percebido foi situar essa discussão sobre o patrimônio cultural, também, no presente.

No entanto, esse sentimento de nostalgia, associado à cristalização de uma suposta “magia” da infância do passado em contraposição à infância vivenciada na contemporaneidade, não é compartilhado por todas as professoras analisadas. Duas delas compreendem essas transformações não como uma perda ou deterioração da experiência infantil, mas como parte de um processo natural de mudanças sociais e culturais, que podem, inclusive, apresentar aspectos positivos.

Sobre o segundo eixo que trata dos patrimônios culturais e suas relações com elementos e práticas culturais locais, também podemos notar um saudosismo muito presente na narrativa das docentes, uma valorização da tradição, especialmente no que diz respeito às festas. Nesse sentido, percebemos um desejo da cultura como algo que não sofra transformações,

lutando contra o esquecimento e, com isso, conectamos ao que a Elisângela (Memorial Reflexivo, 2021) escreveu no começo da presente conclusão sobre como esses memoriais, juntos, também são um acalento para a população de Mantenópolis, compreendendo que essas cursistas, ao escreverem suas narrativas, desejam que as memórias, tradições, culturas, falas e histórias de vidas sejam preservadas e lembradas.

Referências

- ALMEIDA, Almerinda Cardoso de. **Memórias, causos, contos e prosas: varandas e quitandas com a minha mãe!** Mantenópolis: recanto das letras, 2018.
- ALMEIDA, Almerinda Cardoso de. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Duas Cidades: Editora 34, 2009.
- BRASIL. Constituição. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 7 ago. 2000. p. 2.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. Cultura e enraizamento. In: BOSI, Alfredo. **A cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Editora Ática, 1987. p. 16-41.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora revista dos tribunais: 1990.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. Prefácio. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, p. 7-13.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria da Conceição. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Patrimônio Cultural: sujeito, Memória e sentido para o lugar. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. **Cadernos do Patrimônio Cultural**. Fortaleza: IPHAN, 2015, p. 49-58.

MORAIS, Elaine de Sousa. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

NÓVOA, António. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 11-17.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: VERBENA, Maria Rocha Cordeiro; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 19-44.

PEREIRA, Ana Cristina Silva de Oliveira. A formação profissional no compasso da história de vida do educador: o memorial em foco. In: VERBENA, Maria Rocha Cordeiro; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 109-130.

POULOT, Dominique. **Uma história do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RODRIGUES, Conceição Martins de Souza. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

SALDANHA, Clébio. **Mantenópolis**: um resgate da cidade através das memórias afetivas. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2012, Vitória.

SANTANA, Elisangela Rocha de Oliveira. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

SANTOS, Cleuza Gonçalves Martins de. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard; FREITAS, Kelly Amaral de. Venda Nova e sua gente. In: PÁDUA, Karla Cunha; SIMAN, Lana Mara de Castro; SCALDAFERRI, Dilma Célia Mallard (Org.). **Memória e patrimônio cultural**:

contribuições para os estudos da localidade na educação básica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017, p. 19-50.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SERPA, Luiz Felipe Santos Perret. O gênero memorial como dispositivo de formação e autoformação: reflexões iniciais. In: VERBENA, Maria Rocha Cordeiro; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 79-108.

SILVA, Edivana Batista dos Santos. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

SILVEIRA, Cleide Vieira Rosa da. **Memorial reflexivo**. História Local e Patrimônio Cultural: o município de Mantenópolis em foco. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Terra, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, p. 135-148.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; SZYMCZAK, Maureen Bartz. A ativação valorativa das histórias de vidas no Museu da Pessoa. **Anais do Museu Histórico Nacional**, n. 1, v. 51, p. 174-190, 2019.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. Histórias de vida e Patrimônio. **Museologia e Patrimônio**, n. 1, v. 10, p. 87-104, 2017.

Editor(a) responsável: Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

Recebido em: 10/11/25

Aceito em: 10/08/26

Bruna Mozini Subtil

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

✉ bruna_mozini@hotmail.com

🔗 <http://lattes.cnpq.br/5783111423623736>

🆔 <http://orcid.org/000-0002-7080-5117>

Esdra Erlacher

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestra e graduada em História pela Ufes. Integrante do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/seção ES).

✉ esdraerlacher@gmail.com

🔗 <http://lattes.cnpq.br/6557233579127396>

🆔 <http://orcid.org/0000-0002-2160-1337>

Miriã Lúcia Luiz

Pós-doutora em História da Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Portugal. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de Educação, Formação Humana e Políticas Públicas.

✉ mirialuiz@gmail.com

🔗 <http://lattes.cnpq.br/2276583662907573>

🆔 <http://orcid.org/0000-0001-6825-1541>